Questão 01 - (IME RJ/2016)

Texto 1

A QUÍMICA EM NOSSAS VIDAS

Carlos Corrêa

Há a ideia generalizada de que o que é natural é bom e o que é sintético, o que resulta da ação do homem, é mau. Não vou citar os terremotos, tsunamis e tempestades, tudo natural, que não têm nada de bom, mas certas substâncias naturais muito más, como as toxinas produzidas naturalmente por certas bactérias e os vírus, todos tão na moda nestes últimos tempos. Dentre os maiores venenos que existem, seis são naturais. Só o sarin (gás dos nervos) e as dioxinas é que são de origem sintética.

Muitos alimentos contêm substâncias naturais que podem causar doenças, como por exemplo o isocianato de alila (alho, mostarda) que pode originar tumores, o benzopireno (defumados, churrascos) causador de câncer do estômago, os cianetos (amêndoas amargas, mandioca) que são tóxicos, as hidrazinas (cogumelos) que são cancerígenas, a saxtoxina (marisco) e a tetrodotoxina (peixe estragado) que causam paralisia e morte, certos taninos (café, cacau) causadores de câncer do esôfago e da boca e muitos outros.

A má imagem da Química resulta da sua má utilização e deve-se particularmente à dispersão de resíduos no ambiente (que levam ao aquecimento global e mudanças climáticas, ao buraco da camada de ozônio e à contaminação das águas e solos) e à utilização de aditivos alimentares e pesticidas.

Muitos desses males são o resultado da pouca educação dos cidadãos. Quem separa e compacta o lixo? Quem entrega nas farmácias os medicamentos que se encontram fora do prazo de validade? Quem trata os efluentes dos currais e das pocilgas? Quem deixa toda a espécie de lixo nas areias das nossas praias e matas? Quem usa e abusa do automóvel? Quem berra contra as queimadas mas enche a sala de fumaça, intoxicando toda a família? Quem não admira o fogo de artifício, que enche a atmosfera e as águas de metais pesados?

Há o hábito de utilizar a expressão “substância química” para designar substâncias sintetizadas, imprimindo-lhes um ar perverso, de substância maldita. Há tempos passou na TV um anúncio destinado a combater o uso do tabaco que dizia: “… o fumo do tabaco contém mais de 4000 substâncias químicas tóxicas, irritantes e cancerígenas…”. Bastaria referir “substâncias”, mas teve de aparecer o qualificativo “químicas” para lhes dar um ar mais tenebroso. Todas as substâncias, naturais ou de síntese, são “substâncias químicas”! Todas as substâncias, naturais ou de síntese, podem ser prejudiciais à saúde! Tudo depende da dose.

Qualquer dia aparecerá uma notícia na TV referindo, logo a seguir às notícias dos dirigentes e jogadores de futebol, que “A água, substância com a fórmula molecular H2O, foi a substância química responsável por muitas mortes nas nossas praias”… por falta de cuidado! Porque os Químicos determinaram as estruturas e propriedades dessas substâncias, haverá razão para lhes chamar “substâncias químicas”? Estamos sendo envenenados pelas muitas “substâncias químicas” que invadem as nossas vidas?

A ideia de que o câncer está aumentando devido a essas “substâncias químicas” é desmentida pelas estatísticas sobre o assunto, à exceção do fumo do tabaco, que é a maior causa de aumento do câncer do pulmão e das vias respiratórias. O aumento da longevidade acarreta necessariamente um aumento do número de cânceres. Curiosamente, o tabaco é natural e essas 4000 substâncias tóxicas, irritantes e cancerígenas resultam da queima das folhas do tabaco. A reação de combustão não foi inventada pelos químicos; vem da idade da pedra, quando o homem descobriu o fogo.

O número de cânceres das vias respiratórias na mulher só começou a crescer em meados dos anos 60, com a emancipação da mulher e o subsequente uso do cigarro. É o tipo de câncer responsável pelo maior número de mortes nos Estados Unidos. Não é verdade que as substâncias de síntese (as “substâncias químicas”) sejam uma causa importante de câncer; isso sucede somente quando há exposição a altas doses. As maiores causas de câncer são o cigarro, o excesso de álcool, certas viroses, inflamações crônicas e problemas hormonais. A melhor defesa é uma dieta rica em frutos e vegetais.

Há alguns anos, metade das substâncias testadas (naturais e sintéticas) em roedores deram resultado positivo em alguns testes de carcinogenicidade. Muitos alimentos contêm substâncias naturais que dão resultado positivo, como é o caso do café torrado, embora esse resultado não possa ser diretamente relacionado ao aparecimento de um câncer, pois apenas a presença de doses muito elevadas das substâncias pode justificar tal relação.

Embora um estudo realizado por Michael Shechter, do Instituto do Coração de Sheba, Israel, mostrasse que a cafeína do café tem propriedades antioxidantes, atuando no combate a radicais livres, diminuindo o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, a verdade é que, há meia dúzia de anos, só 3% dos compostos existentes no café tinham sido testados. Das trinta substâncias testadas no café torrado, vinte e uma eram cancerígenas em roedores e faltava testar cerca de um milhar! Vamos deixar de tomar café? Certamente que não. O que sucede é que a Química é hoje capaz de detectar e caracterizar quantidades minúsculas de substâncias, o que não sucedia no passado. Como se disse, o veneno está na dose e essas substâncias estão presentes em concentrações demasiado pequenas para causar danos.

Diante do que se sabe das substâncias analisadas até aqui, todos concordam que o importante é consumir abundantes quantidades de frutos e vegetais. Isso compensa inclusive riscos associados à possível presença de pequenas quantidades de pesticidas.

CORRÊA, Carlos. A Química em nossas vidas. Disponível em: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=49746&op=all>. Acesso em 17 Abr 2015. (Texto adaptado)

Texto 2

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como (1) nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso (2) informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa (3) perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que (4) três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou (5) apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avalizar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

Texto 3

SOLUÇÃO

João Paiva
Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ouso resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.
Procuro mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

PAIVA, João. Quase poesia, quase química. Disponível em: <http://www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf> Acesso em: 22/04/2015.

TEXTO 4

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos
Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Assinale a opção em que a análise do termo destacado em negrito está de acordo com o uso no contexto dado.

a) (…) um indivíduo **que** põe a verdade à prova o tempo todo (texto 2, 4º parágrafo). O vocábulo “que”, nesse caso, é uma conjunção integrante.
b) Tudo depende **da dose** (texto 1, 5º parágrafo). A expressão "da dose" destacada na oração funciona como complemento nominal.
c) (…) e a publicidade se aproveita desses temas que estão **na mídia** para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem (texto 2, 6º parágrafo). A expressão grifada tem valor adverbial de circunstância.
d) Na **frialdade** inorgânica da terra! (texto 4, verso 14). O vocábulo destacado, numa análise morfológica, equivale a um adjetivo.

e) Em “direit**inho**” (texto 3, verso 14) e “cert**inho**” (texto 3, verso 15) a terminação -inho é um sufixo diminutivo que possui valor adverbial de intensidade.

Questão 02 - (UECE/2016)

O texto é um excerto de *Baú de Ossos* (volume 1), do médico e escritor mineiro Pedro Nava. Inclui-se essa obra no gênero memorialístico, que é predominantemente narrativo. Nesse gênero, são contados episódios verídicos ou baseadas em fatos reais, que ficaram na memória do autor. Isso o distingue da biografia, que se propõe contar a história de uma pessoa específica.

[1] O meu amigo Rodrigo Melo Franco de [2] Andrade é autor do conto “Quando minha avó [3] morreu”. Sei por ele que é uma história [4] autobiográfica. Aí Rodrigo confessa ter passado, [5] aos 11 anos, por fase da vida em que se sentia [6] profundamente corrupto. Violava as promessas [7] feitas de noite a Nossa Senhora; mentia [8] desabridamente; faltava às aulas para tomar [9] banho no rio e pescar na Barroca com [10] companheiros vadios; furtava pratinhas de dois [11] mil-réis... Ai! de mim que mais cedo que o [12] amigo também abracei a senda do crime e [13] enveredei pela do furto... Amante das artes [14] plásticas desde cedo, educado no culto do belo, [15] eu não pude me conter. Eram duas coleções de [16] postais pertencentes a minha prima Maria Luísa 17 Palleta. Numa, toda a vida de Paulo e Virgínia – [18] do idílio infantil ao navio desmantelado na [19] procela. Pobre Virgínia, dos cabelos [20] esvoaçantes! Noutra, a de Joana d’Arc, desde os [21] tempos de pastora e das vozes ao da morte. [22] Pobre Joana dos cabelos em chama! Não resisti. [23] Furtei, escondi e depois de longos êxtases, com[24] medo, joguei tudo fora. Terceiro roubo, terceira [25] coleção de postais – a que um carcamano, [26] chamado Adriano Merlo, escrevia a uma de [27] minhas tias. Os cartões eram fabulosos. Novas [28] contemplações solitárias e piquei tudo de latrina [29] abaixo. Mas o mais grave foi o roubo de uma [30] nota de cinco mil-réis, do patrimônio da própria [31] Inhá Luísa. De posse dessa fortuna nababesca, [32] comprei um livro e uma lâmpada elétrica de [33] tamanho desmedido. Fui para o parque Halfeld [34] com o butim de minha pirataria. Joguei o troco [35] num bueiro. Como ainda não soubesse ler, [36] rasguei o livro e atirei seus restos em um [37] tanque. A lâmpada, enorme, esfregada, não fez [38] aparecer nenhum gênio. Fui me desfazer de [39] mais esse cadáver na escada da Igreja de São [40] Sebastião. Lá a estourei, tendo a impressão de [41] ouvir os trovões e o morro do Imperador [42] desabando nas minhas costas. Depois dessa [43] série de atos gratuitos e delitos inúteis, voltei [44] para casa. Raskólnikov. O mais estranho é que [45] houve crime, e não castigo. Crime perfeito. [46] Ninguém desconfiou. Minha avó não deu por [47] falta de sua cédula. Eu fiquei por conta das [48] Fúrias de um remorso, que me perseguiu toda a [49] infância, veio comigo pela vida afora, com a [50] terrível impressão de que eu poderia reincidir [51] porque vocês sabem, cesteiro que faz um [52] cesto... Só me tranquilizei anos depois, já [53] médico, quando li num livro de Psicologia que só [54] se deve considerar roubo o que a criança faz [55] com proveito e dolo. O furto inútil é fisiológico e [56] psicologicamente normal. Graças a Deus! Fiquei [57] absolvido do meu ato gratuito...

(Pedro Nava. *Baú de ossos*. Memórias 1. p. 308 a 310.)

Considere o advérbio “Aí” (referência 4). Observe o que se diz sobre ele.

I. Pode ser substituído, no texto, por outro advérbio: “então”.
II. Retoma anaforicamente a expressão “(d)o conto ‘Quando minha avó morreu’” (Refs. 2 e 3).
III. Poderia ser substituído, no texto, por expressões como nesse conto ou no conto a que me referi.

Está correto o que se diz apenas em

a) I.
b) I e II.
c) II e III.
d) III.

Questão 03 - (UEMG/2016)

As últimas do mineiro

Zuenir Ventura

Talvez porque numa das vezes em que alguém bateu com a língua nos dentes um pescoço foi parar na forca, Minas trabalha em silêncio, como se diz. Pode não ser verdade, mas é a versão, que acaba prejudicando mais do que favorecendo a imagem de um estado que, além das riquezas naturais e de uma poderosa tradição política, tem o maior patrimônio histórico-cultural do país. Numa época de predomínio do marketing, em que o importante é mostrar mais do que fazer, ficar calado no seu canto pode não ser um bom negócio.

Como afirma um amigo de Belo Horizonte, “temos os melhores grupos de dança do país, cantores e compositores excelentes, artistas plásticos e grupos teatrais de alta qualidade, mas não divulgamos, temos pudor de nos exibir, de mostrar ao país o que somos”.

Ele acredita que de fora se tem uma visão regionalista limitada à memória e à questão do patrimônio histórico, à longa tradição de pedra e cal da cultura mineira. Sem descuidar desse acervo (só de barroco estão ali 65% do patrimônio nacional), o desafio dos governantes mineiros é mostrar sem reserva o que Minas tem de mais moderno, cosmopolita e contemporâneo.

Mas acho que não será fácil assim. A não ser meu amigo Ziraldo, que adora se mostrar, tendo aliás razão para isso, que outro mineiro vocês imaginam chamando a atenção para o que está fazendo? Num artigo famoso, Guimarães Rosa listou 66 adjetivos com os quais são caracterizados seus conterrâneos. Eles vão de “acanhado, afável, desconfiado” até “sonso, sóbrio, taciturno, tímido”, passando por “precavido, pão-duro, perspicaz, quieto, irônico, meditativo”.

Fernando Sabino, que conhece a alma mineira como a dele próprio, tem várias histórias para ilustrar como seus conterrâneos ficam sempre na moita. Mineiro não gosta de revelar nem a identidade.

— Qual é o seu nome todo? — pergunta o carioca.

— Diz a parte que você sabe — desconversa o mineiro.

Nessa aqui o escritor conta o diálogo com um motorista mineiro em Nova York:

— Ah, você também é de Minas?

— Sou sim sinhô.

— De onde?

— De Minas mesmo.

Se consegue esconder até de onde é, imagina quando lhe pedem uma opinião política.

— Que tal o prefeito daqui?

— O prefeito? É tal qual eles falam dele.

— Que é que falam dele?

— Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo que é prefeito.

Há quem alegue que o que se diz em forma de anedota está longe de ser a verdade sobre Minas, são apenas versões. Então me lembro do dia em que alguém reclamou de José Maria Alkmim: “Criei a frase ‘o que importa é a versão, não o fato’, e todo mundo atribui ela a você. Ao que ele respondeu: “Isso só confirma a frase.”

Portanto, imprima-se a versão.

“Minas trabalha em silêncio, **como (1)** se diz. (...) Fernando Sabino, que conhece a alma mineira **como (2)** a dele próprio, tem várias histórias para ilustrar **como (3)** seus conterrâneos ficam sempre na moita.”

Associe, a seguir, cada ocorrência da palavra como à função que ela exerce no trecho apresentado.

( ) expressa ideia de comparação.
( ) expressa ideia de conformidade.
( ) equivale à expressão de que forma.

Assinale a sequência CORRETA:

a) 2 – 1 – 3.
b) 3 – 2 – 1.
c) 1 – 2 – 3 .
d) 2 – 3 – 1.

Questão 04 - (UNESP SP/2016)

Memória e tecnologia

Estava em um aeroporto quando testemunhei uma cena que me fez pensar bastante. Um garoto de mais ou menos 10 anos andava para lá e para cá muito aflito, sem saber para onde ir, e estava quase caindo no choro. Fui em sua direção para tentar ajudar, mas um casal chegou antes e pude ouvir a conversa deles.

O garoto estava no aeroporto com a família de um amigo porque eles iriam viajar para uma praia. Ele havia saído de onde estava para comprar um lanche e não conseguiu mais encontrar o grupo.

E aí vem a parte mais interessante para refletirmos. O casal aquietou o garoto e disse que bastava o menino informar o número do telefone que eles ligariam para o amigo. O garoto, que tinha um celular e o deixara com o colega, não sabia de memória nenhum número, nem o seu. “Está tudo no meu celular”, justificou.

Claro que, com a ajuda do casal, não foi difícil o garoto se reunir com o seu grupo. O fato, porém, me deu o que pensar. Imediatamente me lembrei de que, quando criança, meus pais me fizeram decorar a seguinte frase: "Meu nome é Rosely Sayão, eu moro na Rua Jaceguai, 462, São Paulo, Capital". Eles achavam São Paulo uma cidade em que uma criança se perderia com muita facilidade e, cuidadosos, tentaram garantir que eu tivesse informações para que, caso me perdesse, tivesse condições mínimas para encontrá-los.

Hoje, com tantos recursos tecnológicos, delegamos a esses aparelhos maravilhosos muito do serviço que fazíamos antes da existência deles.

Quantas coisas deixamos de ensinar às crianças porque a tecnologia resolve isso por nós. Não mais ensinamos a elas, por exemplo, que é muito perigoso abrirem a porta do carro em movimento, porque elas estão protegidas pelas travas; não as alertamos para os riscos de uma queda de local alto, porque estão protegidas pelas grades, e assim por diante. Não ensinamos mais as crianças a memorizar números de telefones, porque os aparelhos têm cada vez mais memória, justamente para guardar o que antes era responsabilidade da memória humana.

Mas, quando deixamos a cargo do funcionamento dos aparelhos essas e outras tarefas, não consideramos que a vida é feita de falhas – humanas e mecânicas – de inesperados, de acontecimentos inusitados. E, que nesses momentos, o que conta é o conhecimento que a pessoa guardou consigo.

Em educação, os detalhes são importantes. Por isso é necessário ajudar os mais novos a perceber a importância da memorização de informações que a família considera essenciais e do autocuidado, que inclui as noções de risco e de autoproteção. Afinal, aparelhos falham.

(Rosely Sayão. *Folha de S. Paulo*, 04.02.2014. Adaptado)

Assinale a alternativa em que as expressões em destaque apresentam circunstância adverbial de intensidade.

a) Estava em um aeroporto quando testemunhei uma cena que me fez pensar **bastante**. / E aí vem a parte **mais** interessante para refletirmos.
b) ... para comprar um lanche e não conseguiu **mais** encontrar o grupo. / **Imediatamente** me lembrei de que, quando criança, meus pais me fizeram decorar...
c) ... sem saber para onde ir, e estava **quase** caindo no choro. / "Está tudo **no meu celular**", justificou.
d) Fui **em sua direção** para tentar ajudar... / ... que é **muito** perigoso abrirem a porta do carro...
e) ... **não** as alertamos para os riscos de uma queda de local alto, porque estão protegidas pelas grades... / **Afinal**, aparelhos falham.

Questão 05 - (CEFET MG/2015)

A falácia do mundo justo e a culpabilização das vítimas

Por Ana Carolina Prado

"É claro que o cara que estuprou é o culpado, mas as mulheres também ficam andando na rua de saia curta e em hora errada!". "O hacker que roubou as fotos dessas celebridades nuas está errado, mas ninguém mandou tirar as fotos!". "Se você trabalhar duro vai ser bem-sucedido, não importa quem você seja. Quem morreu pobre é porque não se esforçou o bastante." Você sabe o que essas afirmações têm em comum?

Há algum tempo falei aqui sobre como os humanos têm diversas formas de se enganar em relação à ideia que têm de si mesmos, quase sempre para proteger sua autoestima ou para saciar sua vontade de estar sempre certos. Mas nosso cérebro não nos engana só em relação a como vemos a nós mesmos: temos também a tendência de nos iludir em relação aos outros e à vida em geral. E as frases acima exemplificam uma maneira como isso pode acontecer: por meio da falácia do mundo justo.

Por exemplo, embora os estupros raramente tenham qualquer coisa a ver com o comportamento ou vestimenta da vítima e sejam normalmente cometidos por um conhecido e não por um estranho numa rua deserta, a maioria das campanhas de conscientização são voltadas para as mulheres, não para os homens – e trazem a absurda mensagem de "não faça algo que poderia levá-la a ser violentada".

Em um estudo sobre *bullying* feito em 2010 na *Universidade Linkoping*, na Suécia, 42% dos adolescentes culparam a vítima por ser "um alvo fácil". Para os pesquisadores, esses julgamentos estão relacionados à noção – amplamente difundida na ficção – de que coisas boas acontecem a quem é bom e coisas más acontecem a quem merece. A tendência a acreditar que o mundo é assim é chamada, na psicologia, de falácia do mundo justo. "Não importa quão liberal ou conservador você seja, alguma noção dela entra na sua reação emocional quando ouve sobre o sofrimento dos outros", diz o jornalista David McRaney no livro "*Você não é tão esperto quanto pensa*". Ele acrescenta que, embora muitas pessoas não acreditem conscientemente em carma, no fundo ainda acreditam em alguma versão disso, adaptando o conceito para a sua própria cultura.

E dá para entender por que somos levados a pensar assim: viver em um mundo injusto e imprevisível é meio assustador e queremos nos sentir seguros e no controle. O problema é que crer cegamente nisso leva a ainda mais injustiças, como o julgamento de que pessoas pobres ou viciadas em drogas são vagabundas [...], que

mulher de roupa curta merece ser maltratada ou que programas sociais são um desperdício de dinheiro e uma muleta para preguiçosos. Todas essas crenças são falaciosas porque partem do princípio de que o sistema em que vivemos é justo e cada um tem exatamente o que merece.

[...] a falácia do mundo justo desconsidera os inúmeros outros fatores que influenciam quão bem-sucedida a pessoa vai ser, como o local onde ela nasceu, a situação socioeconômica da sua família, os estímulos e situações pelas quais passou ao longo da vida e o acaso. Programas sociais e ações afirmativas não rompem o equilíbrio natural das coisas, como seus críticos podem crer – pelo contrário, a ideia é justamente minimizar os efeitos da injustiça social. Uma pessoa extremamente pobre pode virar a dona de uma empresa multimilionária, mas o esforço que vai ter de fazer para chegar lá é muito maior do que o esforço de alguém nascido em uma família rica que sempre teve acesso à melhor educação e a bons contatos. "Se olhar os excluídos e se questionar por que eles não conseguem sair da pobreza e ter um bom emprego como você, está cometendo a falácia do mundo justo. Está ignorando as bênçãos não merecidas da sua posição", diz McRaney.

Em casos de abusos contra outras pessoas, como *bullying* ou estupro, a injustiça é ainda maior, pois eles nunca são justificados – e aí a falácia do mundo justo se mostra ainda mais perversa. Portanto, toda vez que você se sentir movido a dizer coisas como "O estuprador é quem está errado, é claro, mas…", pare por aí. O que vem depois do "mas" é quase sempre fruto de uma tendência a ver o mundo de uma forma distorcida só para ele parecer menos injusto.

Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs>. Acesso em: 02 set. 2014
(Adaptado)

O advérbio destacado expressa uma ideia de intensidade em:

a) "O problema é que crer **cegamente** nisso leva a ainda mais injustiças, como o julgamento de que pessoas pobres ou viciadas em drogas são vagabundas [...]".(5º parágrafo)
b) "Programas sociais e ações afirmativas não rompem o equilíbrio natural das coisas, como seus críticos podem crer – pelo contrário, a ideia é **justamente** minimizar os efeitos da injustiça social." (6º parágrafo)
c) "Ele acrescenta que, embora muitas pessoas não acreditem **conscientemente** em carma, no fundo ainda acreditam em alguma versão disso, adaptando o conceito para a sua própria cultura". (4º parágrafo)
d) "Uma pessoa **extremamente** pobre pode virar a dona de uma empresa multimilionária, mas o esforço que vai ter de fazer para chegar lá é muito maior do que o esforço de alguém nascido em uma família rica ..." (6º parágrafo)

Questão 06 - (UERJ/2015)

"Caso tenha uma aranha na sua perna, é melhor não se mexer."
No quadrinho seguinte, o próprio personagem analisa essa fala como hipotética.
A construção de hipótese está marcada na frase do personagem pelo seguinte traço linguístico:

a) tom de conselho da fala
b) ordem inversa do período
c) emprego do conectivo inicial
d) presença de forma negativa

Questão 07 - (UFAM/2015)

Há muito tempo, o homem sonha construir máquinas que possam livrá-lo das tarefas entediantes do dia a dia. Durante todo o século XX, os escritores de ficção científica estavam preocupados em criar histórias sobre robôs que serviam seus mestres em tudo, sem reclamar e sem se cansar. Essa era uma visão tentadora, mas, do ponto de vista tecnológico, até o final do século XX continuava a ser um sonho remoto, simplesmente porque

não houve meios de construir essas máquinas. Que atrasados ainda somos! E, apesar da rejeição de muitos, essa perspectiva tem um quê de atraente.

Alguns pesquisadores dos Estados Unidos, da Europa e do Japão continuam a perseguir, incansavelmente, o sonho de criar servidores robóticos multifuncionais, que possam fazer o trabalho pesado. A busca tem sido difícil e os progressos, lentos. No entanto, a partir do ano 2000, vêm sendo desenvolvidos robôs experimentais com considerável sofisticação. Muitos cientistas já se convenceram de que essa tecnologia não é apenas possível, mas inevitável. Hoje em dia, a "era dos robôs" continua situada em algum lugar do futuro, mas está cada dia mais próxima. Sendo assim, daqui a alguns anos, não pegaremos numa vassoura que não seja através de um robô.

Como dizia o escritor Oscar Wilde, a civilização precisa de escravos. Que os escravos sejam, então, as máquinas. Por isso, esses robôs têm que ser construídos, para que tenhamos um novo amanhecer em nossa vida, com um enlace entre homens e máquinas.

(BALCH, Tucher. "As Maravilhosas máquinas inteligentes do futuro". Texto adaptado.)

Assinale a alternativa em que a palavra **QUE** exerce a função de advérbio de intensidade:

a) servidores robóticos multifuncionais, que possam fazer o trabalho pesado.
b) não pegaremos numa vassoura que não seja através de um robô.
c) essa perspectiva tem um quê de atraente.
d) Por isso, esses robôs têm que ser construídos.
e) Que atrasados ainda somos!

Questão 08 - (UNESP SP/2015)

Considere o texto abaixo de um *site* especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

Corrida – Prova 1 500 metros rasos

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um *sprint* nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(http://treino-de-corrida.f1cf.com.br)

Observando as seguintes passagens do texto apresentado, marque a alternativa em que as duas palavras em negrito são utilizadas como advérbios:

a) "**não** correr o risco **de** ser surpreendido".
b) "finge possuir **energias** que **realmente** não tem".
c) "deve-se fazê-lo **decidida** e **folgadamente**".
d) "**nunca** levar a cabeça **para** trás".
e) "forte no **restante** da prova, **sempre** procurando dosar".

Questão 09 - (UECE/2014)

O texto (subdividido em seções) faz uma reflexão sobre a maneira como se comporta, em determinado momento, a sociedade brasileira, que, mais cedo ou mais tarde, teria que integrar negros e mulatos.

José Paulo Florenzano

[49] FUTEBOL E RACISMO: O MITO [50] DA DEMOCRACIA EM CAMPO
[51] A história do futebol brasileiro contém, ao [52] longo de quase um século, registros de e [53] pisódios marcados pelo racismo. Eis o [54] paradoxo: se de um lado a atividade [55] futebolística era depreciada aos olhos da [56] "boa sociedade" enquanto profissão destinada a [57] pobres, negros e marginais, de outro ela se [58] achava investida do poder de representar e [59] projetar a nação em escala mundial.

[60] VÍNCULO MENOS ASSIMÉTRICO ENTRE [61] NEGROS E BRANCOS
[62] O trem do futebol descortinava perspectivas [63] promissoras no terreno das relações sociais. [64] Mas embora transportasse ricos e pobres,[65] negros e brancos, ele o fazia alocando os[66] diversos grupos em vagões separados. [67] Enquanto a juventude privilegiada agia de [68] modo a reforçar as divisões internas da [69] composição, a mocidade alegre dos subúrbios [70] buscava franquear a passagem a fim de [71] enriquecer a experiência da viagem. Caberia, [72] nesse sentido, um papel de destaque aos [73] jogadores que logravam transitar entre os [74] diversos compartimentos.

[75] LEÔNIDAS DA SILVA: IDENTIDADE AMBÍGUA [76] DO ATLETA
[77] Seria nesta conjuntura adversa que [78] Leônidas da Silva pegaria o bonde da história. [79] Símbolo da proeminência adquirida pelo boleiro [80] em detrimento do sportsman, ele encarnava a [81] mudança destinada a apagar os últimos [82] vestígios da marca refinada, esnobe e [83] excludente que a juventude privilegiada [84] procurara atribuir à prática do esporte inglês, [85] substituindo-a gradativamente por uma feição [86] mais popular do jogo, por uma dimensão mais [87] nacional do futebol, por uma identidade mais [88] ambígua do atleta.

[89] RISCOS SIMBÓLICOS
[90] A realização da Copa do Brasil em 1950 [91] viria a se constituir, neste sentido, em uma [92] rara oportunidade. No dia da decisão contra o [93] Uruguai sobreveio o inesperado revés. Foi, [94] então, que os torcedores descobriram os riscos [95] simbólicos envolvidos na tarefa de reimaginar a [96] nação dentro das quatro linhas do campo. As [97] reportagens da crônica esportiva elegiam o [98] goleiro Barbosa e o defensor Bigode como [99] bodes expiatórios, exprimindo a vontade de [100] "descarregar nas costas" dos referidos [101] jogadores os "prejuízos" acarretados pela [102] derrota. Uma chibata moral, eis a sentença [103] proferida no tribunal dos brancos.

[104] A REVOLTA DA CHIBATA
[105] Nos anos 1970, por não atender às [106] expectativas normativas suscitadas pelo [107] estereótipo do "bom negro", Paulo César Lima [108] foi classificado como "jogador-problema". [109] Responsabilizado pelo fracasso do Brasil na [110] Copa da Alemanha, pleiteava o direito de voltar [111] a vestir a camisa verde e amarela. O rumor de [112] que o banimento tinha o respaldo de um [113] ministro de Estado, não o surpreendia: "Se for, [114] mais uma vez vou ter a certeza de que sou um [115] negro que incomoda muita gente". E [116] acrescentava: "Não vou ser um negro tímido, [117] quieto, com medo e temor das pessoas". Dessa [118] maneira, nas páginas de O Estado de S. Paulo, [119] Paulo César esboçava a revolta da chibata no [120] futebol brasileiro. Enquanto Barbosa e Bigode, [121] sem alternativa, suportaram com dignidade o [122] linchamento moral na derrota de 1950, Paulo [123] César contra-atacava os que pretendiam
[124] condená-lo pelo insucesso de 1974, reeditando [125] as acusações de "covarde" e de "mercenário" – [126] as mesmas dirigidas a Leônidas no passado. [127] Paulo César, no entanto, assumia, sem [128] ambiguidades, as cores e as causas defendidas [129] pela esquadra dos pretos em todas as esferas [130] da vida social. "Sinto na pele esse racismo [131] subjacente", revelou certa vez à imprensa [132] francesa: "Isto é, ninguém ousa pronunciar a [133] palavra racismo. Mas posso garantir que ele [134] existe, mesmo na Seleção Brasileira". Sua [135] ousadia consistiu em pronunciar a palavra [136] interdita no espaço simbólico utilizado pelo [137] discurso oficial para reafirmar o mito da [138] democracia racial.

José Paulo Florenzano é professor de Antropologia da PUC-SP e autor do livro "A Democracia Corinthiana" (2009). Texto adaptado.

A seção de número 2 do texto intitula-se VÍNCULO MENOS ASSIMÉTRICO ENTRE NEGROS E BRANCOS. A expressão que mais se aproxima do significado da expressão VÍNCULO MENOS ASSIMÉTRICO, no texto, é

a) menos desigualdade.

b) menos discordância.
c) menos inimizade.
d) menos rivalidade.

Questão 10 - (IFSP/2013)

Buscando a excelência (Lya Luft)

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos – refiro-me às públicas – vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magnificamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeirinha. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites – que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delineia com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista *Veja,* de 26.09.2012. Adaptado).

Assinale a classe de palavras correspondente a cada uma das palavras grifadas no trecho: A mediocridade reina, <u>assustadora</u>, <u>implacável</u> e <u>persistentemente</u>.

a) adjetivo, advérbio, advérbio.
b) advérbio, adjetivo, advérbio.
c) advérbio, advérbio, adjetivo.
d) adjetivo, adjetivo, adjetivo.
e) advérbio, advérbio, advérbio.

Questão 11 - (FCM MG/2013)

ASMÁTICOS E ASMÓLOGOS

[1] Não sei por que veio bater aqui em casa uma revista médica. Tomei conhecimento de como a [2] betaciclodextrina é metabolizada em glicose. Mas o que me impressionou mesmo foi o que há de [3] novidade em matéria de terapêutica da asma. Meu conhecimento no ramo não foi adquirido nos [4] livros. Ainda que remoto, é saber de experiência feito. Uma vez imaginei fundar um clube dos [5] asmáticos. Fôlego curto, o Octavio Malta foi um que se entusiasmou.

[6] Mas os asmáticos não são muito unidos. Tampouco os ex-asmáticos. É o meu caso, apesar [7] de uma ou outra ameaça que lá de vez em quando me assusta. E quase sempre nos momentos mais [8] inoportunos. Uma noite em Madri tive de sair de um jantar direto para uma farmácia. Se não [9] opusesse feroz resistência, me recolhiam a um pronto-socorro com direito a balão de oxigênio. Lá se [10] vão vinte anos. Foi minha última crise, espero. Última, isto é, derradeira.

[11] Do tal clube dos asmáticos ficou uma crônica do Paulo Mendes Campos. Para o asmático, [12] dizia ele, não há nada mais ofensivo do que perguntar se asma pega. Pois não é contagiosa. É de [13] nascença e não mata.

Dizem até que garante vida longa. Se não tiver complicação, o asmático fica [14] pra semente. Como a tuberculose nos velhos tempos, a asma teria afinidade com certo tipo de gente. [15] Gente sensível e inteligente. Verdade ou não, é um consolo.

[16] Proust, por exemplo, todo mundo sabe que foi asmático. Vivia num sufoco tremendo, fechado [17] naquele quarto forrado de cortiça. Isso nos seus últimos anos de vida, depois que encerrou a fase [18] mundana. O que eu não sabia e a tal revista me informou é que há hoje a asmologia. E há [19] asmólogos, claro. Aliás, aí em São Paulo existe um *Jornal da Asma.* Graças ao seu editor, dr. Charles [20] K. Naspitz, pude ler exemplares de vários números.

[21] Boa parte do mistério e até, por que não?, do encanto da asma é porque se trata de uma [22] doença hereditária e noturna. Ataca de preferência à noite. E se retira com o sol. Na velha ortografia, [23] escrevia-se *asthma*. Palavra grega, tem a ver com aspirar. A reforma ortográfica cortou o *th*. Se por [24] um lado simplificou o nome da doença, por outro aliviou a dispneia dos *asthmaticos*. Um acesso em [25] Paris, por exemplo, ainda hoje é bem mais grave. O *th* não soa, mas em francês ainda se escreve [26] *asthme*.

[27] Imagine o que sofreu o pobre do Machado de Assis. Não sabia que ele era asmático? Eu [28] também não. Sabíamos que era epiléptico. Pois o *Jornal da Asma* o inclui entre os asmáticos. Já [29] tinha ouvido falar no estilo de gago do Machado. Sim, também era gago. Há de ver que o ritmo da [30] sua prosa vem é da asma. Outro que pagou tributo à sufocação foi o Graciliano Ramos. Fumava que [31] nem um desesperado. Cigarro mata-rato. E asmático! Eu o conheci e não sabia.

[32] Explica-se por aí o temperamento abespinhado do Velho Graça. Outro asmático foi Augusto [33] dos Anjos. Aquele pessimismo todo, coitado, era falta de ar. Vivia a um passo da asfixia, numa época [34] em que a asmologia apenas engatinhava. Não se sabia o que hoje se sabe, ou se propala. Sendo [35] uma forma de hipersensibilidade, que tem a ver com a respiração, isto é, com a própria vida, a asma [36] inclina a pessoa para as letras e as artes. Dura compensação!

(RESENDE, Otto Lara. Bom dia para nascer. S.P.:
Companhia das Letras, 2011, p.p.76-78. Texto adaptado.)

Antes de serem selecionadas em livro, as crônicas de Otto Lara Resende foram publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo*. O autor morava no Rio de Janeiro, daí a razão do advérbio no trecho destacado a seguir: "Aliás, **aí** em São Paulo existe um *Jornal da Asma.*" Das passagens abaixo, os dois termos grifados são advérbios em:

a) "Sim, **também** era gago." / "...fechado **naquele** quarto forrado de cortiça."
b) "...mas em francês **ainda** se escreve asthme." / "**Isso** nos seus últimos anos de vida."
c) "Dizem **até** que garante vida longa." / "Não sei por que veio bater **aqui** em casa uma revista médica."
d) "Explica-se por **aí** o temperamento abespinhado do Velho Graça." / "...por **outro** aliviou a dispneia dos asthmaticos."

Questão 12 - (FCM MG/2013)

A última lição de Chico Anysio

A última entrevista de Chico Anysio, falecido em março, foi feita em sua casa e não foi para nenhum jornal, rádio ou TV. Com cerca de 40 minutos de duração, foi concedida ao psiquiatra Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Chico havia sido convidado para ser padrinho da campanha "A sociedade contra o preconceito", 5 da ABP, lançada no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, ano passado. Devido ao seu estado de saúde e com medo de não comparecer ao evento, fez questão de deixar algumas palavras aos médicos na abertura do congresso, onde seu depoimento foi exibido.

Como sua fala é de grande valia, divido com os leitores algumas de suas últimas palavras. [9] Paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida. "Sem os remédios da psiquiatria, eu não teria feito 20% do que fiz."

O grande Chico Anysio, que divertiu a vida de gerações de brasileiros, sofreu de depressão por anos a fio.

[14] "Depressão é um quadro que só se controla com remédio. O antidepressivo acertou a minha vida. 15 A psiquiatria é fundamental como o ar que eu respiro." A depressão era "um demônio, um gás letal, ela entra e a pessoa não sente que está deprimida. Os outros é que descobrem".

[17] Chico definiu como "criminoso" o preconceito contra as doenças mentais, traduzido pela palavra psicofobia. "Achar que ir ao psiquiatra ainda é coisa de maluco é retrato do preconceito. Depressão é uma coisa, maluquice é outra", comparou.

[20] Chico se revoltou com o descaso com que governos e autoridades lidam com os transtornos mentais e o fornecimento de medicamentos.

"Se é possível ajudar e curar pessoas e isso não é feito, é crime. O governo tem esse dever. Não é favor colocar os remédios psiquiátricos ao alcance dos pobres, é obrigação. É dever do governo. Remédios psiquiátricos precisam ser gratuitos para quem precisa, assim como já acontece com os soropositivos", propôs.

Ele afirmava que seu grande mal não era a depressão, mas o cigarro. "Meu pulmão foi meu grande adversário. O grande criminoso da minha vida foi o cigarro. Eu venci a depressão porque pude pagar remédios e psiquiatra. A depressão é vencível, é controlável. É só ir ao psiquiatra e tomar os remédios. O cigarro não."

Ele era categórico em afirmar que seu único arrependimento em quase 80 anos de vida era o vício [31] no cigarro. "Sou do tempo em que fumar era coisa de macho. Cary Grant fumava, Humphrey Bogart fumava... Conseguir que uma pessoa pare de fumar significa que ela volte a viver", afirmou emocionado.

Ele foi capaz de um feito raro: parar de fumar sozinho. Mas, infelizmente, já era tarde demais. Os danos ao pulmão e coração eram de tal ordem que muito pouco poderia ser revertido. Antes de falecer, Chico andava com a ideia de criar uma fundação com seu nome para apoiar os estudos de combate ao tabagismo. Infelizmente, não teve tempo.

Ele tinha a dimensão do poder que suas palavras poderiam ter para as vítimas de depressão e tabagismo.

"O humor só existe em países com problemas. Não existe humorista sueco ou finlandês. Do problema nasce o humor. Como humorista, não tenho nenhum poder de consertar uma coisa, mas tenho o dever de denunciá-la. É o que estou fazendo aqui: denunciando a falta de socorro aos doentes mentais no Brasil".

Que o seu contundente relato alcance aqueles que ainda fumam ou questionam os danos que os transtornos mentais não tratados podem causar na vida de quem os sofre, seus familiares e amigos. [46] Se Chico conseguiu diminuir a tristeza de milhões de brasileiros com o sorriso, que ele possa agora diminuir o preconceito contra as doenças psiquiátricas por meio de suas palavras.

(GIGLIOTTI, A. *Folha de São Paulo*, 14/08/2012, 1º caderno, p.3.)

* Analice Gigliotti,48, mestre em psiquiatria pela Unifesp, é médica e sobrinha de Chico Anysio

Nas passagens a seguir, há referência à temporalidade, EXCETO em:

a) "'É o que estou fazendo aqui: denunciando a falta de socorro aos doentes mentais no Brasil'."
b) "Ele foi capaz de um feito raro: parar de fumar sozinho. Mas, infelizmente, já era tarde demais."
c) "O grande Chico Anysio, que divertiu a vida de gerações de brasileiros, sofreu de depressão por anos a fio."
d) "A última entrevista de Chico Anysio, falecido em março, foi feita em sua casa e não foi para nenhum jornal, rádio ou TV."

Questão 13 - (FGV /2013)

Bom amigo, o fogo.
Cria calor, afasta os bichos, protege o sono e as mochilas de mantimento. Carne-de-sol, rapadura, farinha. Deita-se na rede, abraçado ao rifle, as alpercatas nos pés, as cartucheiras em torno do peito, o facão preso ao cinturão. E, mais uma vez pensando no serviço, diz muito baixo para si mesmo:
– Mãe, espera o resultado.
A mãe exigira a viagem, um mês ou mais na selva sem caminhos, ninguém para ouvir ou falar. Serviço arriscado e tão brabo que era para quem não tinha medo. Meter-se no povoado, no estradão para o vale do Ouro, arrancar os ossos do pai. Lá, na cova, o pai estava há mais de vinte anos. Ali, naquele lugar, entre as pastagens de gado e as plantações de cacau. Almadina se chamava o lugar que guardava a ossada do pai no barro duro.
Trinta anos ele tinha quando a desgraça acontecera. Agora, vinte anos depois, e ainda na manhã de ontem, a velha o chamara. E, logo o viu, sempre com os olhos parados, exclamou:
– Eu quero os ossos! Vá, Tonho Beré, calcule o terreno – e, percebendo a surpresa do filho, acrescentou: – Vamos ver se trazemos os ossos do seu pai!

– Por quê, mãe, e para quê?
– Estou velha, cada vez mais velha, não demoro a morrer. E, por isso, quero os ossos.
– Mas, para quê? – ele insistira.
Calou-se, a mãe, sem qualquer resposta. Fácil verificar que escondia as ideias no rosto cor de cobre. Não, não disse para que queria os ossos! Talvez para embrulhar eles com a própria pele, talvez.
A rede, o rifle entre os braços, os olhos abertos. A velha de tal modo ali está, dentro do seu olhar sem sono, que parece a própria Tari Januária em pessoa. Permanece assim, deitado e imóvel, vendo a velha como a via todos os dias.

(Adonias Filho, As velhas)

Considere a seguinte passagem do texto:

Cria calor, afasta os bichos, protege o sono e as mochilas de mantimento. Carne-de-sol, rapadura, farinha. Deita-se na rede, abraçado ao rifle, as alpercatas nos pés, as cartucheiras em torno do peito, o facão preso ao cinturão. E, mais uma vez pensando no serviço, diz muito baixo para si mesmo:
– Mãe, espera o resultado.

a) No trecho, a narração se dá em terceira pessoa. Reescreva-o, em primeira pessoa do singular, transpondo o discurso direto para indireto.
b) Observe as palavras, no contexto em que foram empregadas: carne-de-sol, muito, baixo, mesmo. Quais delas admitem flexão de número? Justifique sua resposta.

Questão 14 - (UNESP SP/2013)
Considere um fragmento da crônica *Letra de canção e poesia*, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão "letra de canção" já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra "letra" remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.
"Letra de canção é poema?" Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?
Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.
Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.
Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.
Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(*Folha de S.Paulo,* 16.06.2007.)

Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema.

O advérbio *necessariamente*, nas três ocorrências verificadas na passagem mencionada, equivale, pelo sentido, a:

a) forçosamente.

b) raramente.
c) suficientemente.
d) independentemente.
e) frequentemente.

Questão 15 - (UEA AM/2013)

Leia um trecho de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que Fabiano e sua família encontram-se famintos em meio à estrada e à terrível seca.

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.
Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.
Sinhá Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro.
Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano.
Pensou na família, sentiu fome. [...]
Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna acudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e de folhas secas.

Várias expressões no texto informam o leitor sobre a situação em que se encontravam as personagens. Analise e reconheça a correta relação entre o trecho destacado e a circunstância adverbial que ele expressa.

a) [...] *a parte que lhe iria tocar,* ***provavelmente*** *os ossos do bicho e talvez o couro:* tempo, indicando a fome e a angústia de Baleia.
b) [...] *que estavam lá em cima,* ***debaixo de um juazeiro***: lugar, indicando a necessidade de a família proteger-se do cáustico sol da manhã.
c) [...] *foram despertados por Baleia que trazia* ***nos dentes*** *um preá:* intensidade, indicando a ferocidade da cachorra.
d) *Aquilo era caça* ***bem*** *mesquinha:* afirmação, indicando a pequenez do animal caçado.
e) *Olhou o céu* ***com resolução****:* modo, indicando a esperança que brotara em Fabiano.

Questão 16 - (UERN/2013)

<u>A balcanização da Internet</u>

A Internet corre o risco de se fragmentar. E o programa americano de espionagem digital, revelado por Edward Snowden, é o grande culpado disso. Ele tem levado governos do mundo todo a tomar medidas que criam barreiras e aumentam os controles locais sobre a rede mundial. Um exemplo disso é a exigência, incluída pelo governo brasileiro no projeto do Marco Civil da Internet, de empresas estrangeiras instalarem seus servidores por aqui.
Na semana passada, Steven Levy – autor, entre outros livros, de Google: a Biografia – publicou no site da revista Wired uma extensa reportagem sobre o impacto das revelações de Snowden nas empresas americanas de tecnologia, intitulada “Como a NSA quase matou a Internet” (NSA é a sigla em inglês de Agência de Segurança Nacional, para quem Snowden prestava serviços).
O Brasil é citado na reportagem como um dos protagonistas desse movimento de fragmentação da Internet. “Depois de descobrir que a NSA a estava grampeando, a presidente brasileira Dilma Rousseff começou a promover uma lei que exige que os dados pessoais dos brasileiros sejam armazenados dentro do País”, escreveu Levy. “A Malásia promulgou uma lei similar, e a Índia também busca o protecionismo dos dados.” Até a Alemanha estuda uma medida parecida.

A grande questão é que esse tipo de medida não garante que os dados ficarão imunes à espionagem de outros países, já que eles podem ser acessados em outras partes do mundo. Além disso, é uma medida que amplia custos, podendo aumentar preços ao consumidor, no caso de serviços pagos, e criar barreiras à entrada de empresas iniciantes de Internet sediadas em outros países.
David Karp, fundador do Tumblr, falou com Levy sobre isso, citando especificamente o Brasil: "É uma proposta incrivelmente cara para o Tumblr, mas é impossível para a empresa jovem aspirante que quer construir algo para ser usado por todos em todo o mundo."
O principal exemplo de país que separou a Internet local do restante do mundo é a China. Por lá, além de espionar o tráfego da rede, o governo filtra conteúdos, num esquema que costuma ser chamado de "grande firewall da China", num trocadilho com a Grande Muralha (Firewall é um dispositivo ou software que controla as informações que entram e saem da rede).
Acontece que os EUA, ao coletar informações em pontos de grande concentração de tráfego de Internet, usaram métodos muito parecidos com os chineses, apesar de não terem, até onde se sabe, bloqueado informações.
Segundo Levy, antes de Snowden, as empresas americanas podiam argumentar que medidas como as que estão sendo discutidas no Brasil levariam a perda de privacidade e censura. Agora já não podem mais, pois os EUA são o país que espiona o restante do mundo.

(Renato Cruz. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-balcanizacao-da-internet-,1117487,0.htm.)

Na Língua Portuguesa, bem como em muitas línguas do globo, uma mesma palavra pode ter vários sentidos. A depender do sentido que um contexto específico seleciona para tal termo, a classe gramatical dessa mesma palavra pode variar. Assim, no trecho "**Até** a Alemanha estuda uma medida parecida." (3º§), a palavra destacada atua como um(a)

a) artigo.
b) advérbio.
c) interjeição.
d) preposição.

Questão 17 - (UERJ/2012)

Memórias do cárcere

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos − e, antes de começar, digo os motivos por que silenciei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas [5]forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo [10]palavras contestáveis e obliteradas?
(...)
O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquenta. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaramse. Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteramse, completam-se, avivam recordações meio confusas − e não vejo inconveniência em mostrá-los.
(...)
[15]E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas [20]tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná[25]las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. (...) Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o

ambiente, [30]as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos havermos enganado? Nessas vacilações dolorosas, às vezes [35]necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a [40]sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS
Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: Record, 2002.

As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo.

O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? (ref. 5)
b) Certamente me irão fazer falta, (ref. 15)
c) Afirmarei que sejam absolutamente exatas? (ref. 25)
d) desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. (ref. 35)

Questão 18 - (UFRN/2012)

Uma saída para as megacidades

As soluções inusitadas para trânsito, lixo, poluição – e os problemas crônicos dos grandes centros urbanos

ROBERTA CARDOSO com NELITO FERNANDES

EMPILHADOS
Prédios na cidade chinesa de Chongqing, uma das que mais crescem no país. Das 136 novas metrópoles que entrarão até 2025 na lista das 600 maiores do mundo, 100 estão na China.

[1]Precisamente às 6 horas da manhã, o despertador de Lilian Garcia Martins toca na Vila Formosa, bairro de classe média na Zona Leste de São Paulo. A partir daí, começa a [3]jornada da analista de crédito, de 35 anos, para chegar ao trabalho, às 8h30. O grande desafio de Lilian é se locomover em horário de pico na cidade. Como é difícil, pela lotação excessiva, pegar qualquer uma das linhas de ônibus que passam perto de sua casa e dão [6]acesso ao metrô, o marido tem de levá-la ao terminal de embarque mais próximo. Ambos perdem cerca de 20 minutos de carro para fazer o trajeto. Só aí Lilian consegue entrar em um ônibus que a deixará a alguns metros da estação Tatuapé. Poucos minutos depois, ela [9]volta a enfrentar o mesmo problema, no metrô. "Espero cerca de meia hora, todo dia, para conseguir entrar em um dos vagões. E sair é tão difícil quanto entrar", diz.
Essa não é uma aventura exclusiva de Lilian. Na capital paulista, quem depende do [12]transporte público tem uma rotina difícil. A falta de eficiência na mobilidade e a densidade populacional agravaram o frágil modelo de urbanização de cidades que crescem sem planejamento. O problema não é apenas de São Paulo, e vai além de complicações no [15]transporte. Os moradores das grandes cidades do mundo – principalmente as que se

expandem aceleradamente em países emergentes – enfrentam desafios como a degradação dos centros, o ar poluído, as enchentes e a falta de lugar para dispor o lixo. De [18]acordo com a ONU, a previsão é que até 2020 a população urbana global atingirá 4,2 bilhões. Nos anos 1970, as dez maiores cidades do mundo somavam 114 milhões de pessoas. Em 2025, abrigarão 234 milhões. Até lá, segundo um estudo da consultoria [21]McKinsey, 136 centros urbanos vão se tornar megacidades (aquelas com mais de 10 milhões de habitantes). Essa expansão das megalópoles está multiplicando os problemas da sociedade.
[...]

Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0EMI238282-15228,00.html>. Acesso em: 30 ago. 2011.

No texto,

a) a expressão “cerca de” (ref. 6) tem valor restritivo em relação ao espaço de tempo focalizado.
b) os termos “precisamente” (ref. 1) e “principalmente” (ref. 15) expressam, respectivamente, exatidão e focalização.
c) as expressões “de pico” (ref. 3) e “de embarque” (ref. 6) modificam, respectivamente, os verbos “locomover” (ref. 3) e “levar” (ref. 6).
d) o termo “que” (ref. 12) tem como referente “o frágil modelo de urbanização de cidades” (ref. 12).

Questão 19 - (UEL PR/2012)

A DILMA NÃO É LULODEPENDENTE

“Vinde a mim vós todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” Cristão de boa cepa – já quis até ser padre –, o ministro Gilberto Carvalho, secretário-geral da Presidência, continua com o hábito de escolher, matinalmente, o versículo do dia. O da quarta-feira, 27 de julho, era este de Mateus 11, 28-30. Oprimido ele não está, mas o cansaço não dá para esconder. “Isso aqui não para”, disse logo depois de voltar de mais uma reunião “com a Dilma”. É como ele a trata, alternando com o “presidenta” quando acha mais adequado. “Eu chamo mais ela de Dilma que chamava o Lula de Lula. O Lula gostava muito que a gente o chamasse de presidente”. Aos 60 anos, o ex-seminarista, ex-sindicalista e ex-dirigente do PT quer ser ex-ministro no fim deste mandato, “se a presidenta quiser que eu fique até lá”.

(Adaptado de: CARVALHO, Luiz Maklouf. A Dilma não é lulodependente. *Época*, São Paulo, p. 70. 8 ago. 2011.)

Com relação aos recursos linguísticos utilizados no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. A frase “oprimido ele não está, mas o cansaço não dá para esconder” mantém uma relação de intertextualidade com o versículo que inicia o texto.
II. Tanto no trecho “o ministro Gilberto Carvalho, secretário-geral da Presidência,” quanto no trecho “continua com o hábito de escolher, matinalmente, o versículo do dia”, as vírgulas separam o sujeito do aposto.
III. Em “aos 60 anos, o ex-seminarista, ex-sindicalista e ex-dirigente do PT quer ser ex-ministro no fim deste mandato”, o autor utiliza vírgulas, pois se trata de uma enumeração.
IV. A expressão “lulodependente”, do título do texto, é um neologismo.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

Questão 20 - (FGV /2010)

Sub Solo 1

“Mundo, mundo, vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, não uma solução.” Os versos de Drummond me desabaram na cabeça assim que saí do elevador no andar errado, num prédio da Berrini, e dei

com um piso inteiro de restaurantes; uma praça de alimentação submersa em toneladas de concreto, no centro empresarial de São Paulo.

Então assim é o mundo – pensei –, aqui que estão as pessoas normais. As pessoas que têm emprego, FGTS, férias remuneradas, chefes que admiram e/ou detestam, colegas com quem competem e se comprazem, horário de almoço e *happy hour*, todo mundo, enfim, que sai de casa toda manhã para trabalhar num escritório, em vez de caminhar, só, em direção a uma edícula, no fundo do quintal.

Eu leio sobre o mundo com frequência, nos jornais. De vez em quando, leio livros sobre o mundo. Pensando bem, estudei o mundo por cinco anos, na Faculdade de Ciências Sociais, mas raramente vou até ele, e precisei do choque daquela praça de alimentação para dar-me conta de quão distante nós estávamos – eu e o mundo. Para um escritor, poucas constatações podem ser mais trágicas.

Posso me acabar de ler Shakespeare, Dostoievski, Kafka e Goethe, mas os verdadeiros Macbeths, Ivans Karamazovs, Gregors Sansas e Faustos estão entre as máquinas de café e os *scanners*, tiram fotinhos na portaria e alimentam as catracas com seus crachás. Nos 20 andares acima daquelas bandejas, todo dia, sonhos medram ou murcham, homens competem, traem, fofocas são discretamente difundidas, alguém entregará o que tem de mais precioso em nome de uma causa; a glória e o fiasco espocam, das oito da manhã às sete da tarde. Como posso querer ser um escritor se só trato com o ser humano por e-mail? Se só o vejo amistoso e calmo, no cinema ou num restaurante, no fim de semana?

Voltei ao elevador decidido a raspar essa barbicha calculadamente desleixada, meu crachá de escritor, que pretende dizer, ingenuamente, “não faço parte do mundo” – e arrumar um emprego na Berrini. Pode ser de quinto auxiliar de almoxarifado ou subanalista de cafezinho, não importa. Só preciso ter acesso ao coração do mundo. Uma vez ali dentro, ouvirei as moças falando mal do chefe na fila do Subway, descobrirei o que planejam os jovens de terno na mesa do Súbito, verei a felicidade do garoto do interior que acabou de ser contratado e o ódio de seu vizinho de baia, que não foi. Depois, e só depois, poderei voltar para minha edícula e tentar escrever algo que preste. Algo que, um dia, espero, chegue aos pés do último verso do poema de Drummond: “ Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é meu coração.”

(Antonio Prata. *O Estado de S.Paulo*, 31.05.2009. Adaptado)

Quanto à morfologia, explique o emprego das palavras em destaque:

a) ***mal*** em …ouvirei as moças falando ***mal*** do chefe na fila do Subway… e em – O ***mal*** é as moças não respeitarem a ausência do chefe na fila do Subway.
b) ***só*** em … em vez de caminhar, ***só,*** em direção a uma edícula, no fundo do quintal. – e em – ***Só*** preciso ter acesso ao coração do mundo.

Questão 21 - (UEL PR/2010)

O labirinto da internet

Um paradoxo da cultura contemporânea é a incapacidade da maioria dos políticos de entender a comunicação política. Essa disfunção provoca, muitas vezes, resultados trágicos. É o caso da lei votada pela Câmara dos Deputados para regular o uso da internet nas eleições. Se aprovada sem mudanças pelo Senado, vai provocar um forte retrocesso numa área em que o Brasil, quase milagrosamente, se destaca no mundo – sua legislação de comunicação eleitoral. Sim, a despeito da má vontade de alguns e, a partir daí, de certos equívocos interpretativos, o Brasil tem uma das mais modernas legislações de comunicação eleitoral do mundo. O nosso modelo de propaganda gratuita, via renúncia fiscal, é tão conceitualmente poderoso que se sobressai a alguns anacronismos da lei, como o excesso de propaganda partidária em anos não eleitorais ou a ridícula proibição de imagens externas em comerciais de TV. Os deputados decidiram errar onde não poderiam. Mas era um erro previsível. A internet é o meio mais perturbador que já surgiu na comunicação. Para nós da área, ela abre fronteiras tão imprevisíveis e desconcertantes como foram a Teoria da Relatividade para a física, a descoberta do código genético para a biologia, o inconsciente para a psicologia ou a atonalidade para a música. Na comunicação política, a internet é rota ainda difícil de navegar. [...] Desde sua origem nas cavernas, o modo de expressão política tem dado pulos evolutivos sempre que surge um novo meio. [...] Foram enormes os pulos causados pela imprensa, pelo rádio, pelo cinema e pela TV na forma e no modo de fazer política. Mas nada perto dos efeitos que trará a internet. Não só por ser uma multimídia de altíssima concentração, mas também porque sua capilaridade e interatividade planetária farão dela não apenas uma transformadora das técnicas de indução do voto, mas o primeiro meio na história a mudar a maneira de votar. Ou seja, vai transformar o formato e a cara da democracia. No futuro, o eleitor não vai ser apenas persuadido, por meio da internet, a votar naquele ou naquela candidata. Ele simplesmente vai votar pela internet de forma contínua e constante.

(Adaptado de: SANTANA, João. O labirinto da internet. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2007200909.htm>. Acesso em: 20 jul. 2009).

Observe a frase: “Os deputados decidiram errar onde não poderiam”.

Assinale a alternativa que corresponde ao uso correto do termo “onde”.

a) Aquele era um tempo onde as pessoas se compreendiam melhor.
b) Este é um povo onde a fé é inabalável e a alegria é constante.
c) Este é um homem onde fazer ciência é um dos maiores objetivos.
d) Onde quer que esteja, hão de se lembrar de você.
e) Aquele é um pensamento onde é tudo muito arriscado.

Questão 22 - (UFC CE/2010)

O Ser nordestino: a vida em terras do Sul

Texto 7

[1]Velho Firmo fechou a janela e voltou para a rede, pigarreando. (…) Lembrou-se das palavras de [2]Berto. Fechar a porteira e ir para a companhia dos filhos no Sul. Mandavam contar grandezas. A última [3]carta do Pedrinho só falava em dinheiro grosso. O Henrique, pelo retrato, parecia outro, metido na farda [4]de oficial.
[5](…)
[6]– O menino está feito lorde, Raimunda. De crista levantada. Henrique também tem seus esporões. [7]Já oferecem esmola...

CARNEIRO, Caio Porfírio. Macambira. In: ___. *Trapiá*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 63-68.

Texto 8

1 Naquele ambiente estranho
2 continua a indigência
3 rigor de todo tamanho
4 sem ninguém dar assistência
5 aquela família triste
6 ninguém vê, ninguém assiste
7 com alimento e com veste,
8 que além da situação
9 padece a recordação
10 das cousas do seu Nordeste
11 Meu leitor, não tenha enfado
12 vamos ver mais adiante
13 quanto é triste o resultado
14 do nordestino emigrante
15 quero provar-lhe a carência
16 o desgosto e a inclemência
17 que sofre o pobre infeliz
18 que deixa a terra onde mora
19 e vai procurar melhora
20 lá pelo Sul do país

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: _____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 108-109.

Da oração “A última carta de Pedrinho só falava em dinheiro grosso.” (texto 7) infere-se que Pedrinho escrevera outras cartas a seu pai, nas quais não necessariamente enfatizou o ganho de dinheiro, como fizera na última carta. Assinale a alternativa cuja oração nela constante atende às seguintes instruções:

i) a palavra **só** deve exercer a mesma função que na oração do texto 7;
ii) a inferência feita a partir da oração deve ser a de que Pedrinho escrevera outras cartas a seu pai, das quais não era o único autor.

a) **Só** a última carta do Pedrinho falava em dinheiro grosso.
b) A última carta do Pedrinho falava em dinheiro grosso **só**.
c) A última carta do Pedrinho falava **só** em dinheiro grosso.
d) A última carta **só** do Pedrinho falava em dinheiro grosso.

e) A última carta do **só** Pedrinho falava em dinheiro grosso.

Questão 23 - (UECE/2010)

[80]*O Quinze* foi publicado em agosto [81]de 1930. Não fez grande sucesso quando [82]saiu em Fortaleza. Escreveram até um [83]artigo falando que o livro era impresso em [84]papel inferior e não dizia nada de novo.

[85]Outro sujeito escreveu afirmando [86]que o livro não era meu, mas do meu [87]ilustre pai, Daniel de Queiroz. E isso tudo [88]me deixava meio ressabiada. Morava então [89]no Ceará o jornalista carioca Renato Viana, [90]queme deu os endereços das pessoas no [91]Rio de Janeiro, uma lista de jornalistas e [92]críticos para os quais eu devia mandar [93]o livrinho. O mestre Antônio Sales, que [94]adorou o livro, também me deu outra lista. [95]Então me chegou uma carta do meu amigo [96]Hyder Corrêa Lima, que morava no Rio, [97]convivia com Nazareth Prado e a roda de [98]Graça Aranha. Hyder mostrava na carta [99]o maior alvoroço e contava o entusiasmo de [100]Graça Aranha por *O Quinze*. Depois veio [101]uma carta autografada do próprio Graça, [102]realmente muito entusiasmado. Em [103]seguida começaram a chegar críticas, de [104]Augusto Frederico Schmidt (no "Novidades [105]Literárias"), do escritor Artur Mota, em São [106]Paulo; foram pipocando notas e artigos, [107]tudo muito animador. No Ceará, não. Não [108]me lembro de nenhuma repercussão. [109]Depois, quando a coisa virou, é que o livro [110]começou a pegar por lá.

(Rachel de Queiroz. In: QUEIROZ, Rachel de e QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos.* p. 31.)

Considere o que se diz sobre a partícula "lá", no seguinte enunciado: "Depois, quando a coisa virou, é que o livro começou a pegar por lá." (refs. 109-110)

I. Tem uma função de apontar para um elemento textual, substituindo-o anaforicamente.
II. Indica que a escritora não escreveu o texto em estudo (o texto 2) no Ceará.
III. Informa que a escritora não morava no Ceará quando da publicação de *O Quinze*.

É correto o que se afirma

a) em I, II e III.
b) somente em I e II.
c) somente em II e III.
d) somente em I e III.

Questão 24 - (FUVEST SP/2009)

Leia o seguinte texto, extraído de uma biografia do compositor Carlos Gomes.

No ano seguinte [1860], com o objetivo de consolidar sua formação musical, [Carlos Gomes] mudou-se para o Rio de Janeiro, contra a vontade do pai, para iniciar os estudos no conservatório da cidade. "Uma idéia fixa me acompanha como o meu destino! Tenho culpa, porventura, por tal cousa, se foi vossemecê que me deu o gosto pela arte a que me dediquei e se seus esforços e sacrifícios fizeram-me ganhar ambição de glórias futuras?", escreveu ao pai, aflito e cheio de remorso por tê-lo contrariado. "Não me culpe pelo passo que dei hoje. [...] Nada mais lhe posso dizer nesta ocasião, mas afirmo que as minhas intenções são puras e espero desassossegado a sua bênção e o seu perdão", completou.

http://musicaclassica.folha.com.br

a) Sobre o advérbio "porventura", presente na carta do compositor, o dicionário **Houaiss** informa: *usa-se em frases interrogativas, especialmente em perguntas delicadas ou retóricas*.
Aplica-se ao texto da carta essa informação? Justifique sua resposta.
b) Cite duas palavras, também empregadas pelo compositor, que atestem, de maneira mais evidente, que, daquela época para hoje, a língua portuguesa sofreu modificações.

Questão 25 - (UFU MG/2009)

[01]Quando houve a virada do novo milênio, rondava entre nós, os conectados na internet, o medo do chamado **[02]***bug*. Temia-se que os computadores entrassem numa espécie de catalepsia em rede, ocasionada por uma situação **[03]**inusitada: os *softwares* não estariam programados para decodificar os dígitos do ano 2000. As máquinas como que **[04]**parariam no tempo ou, pior, voltariam para trás, no fatídico 1º de janeiro de 00. O risco era o de que a pane acarretasse **[05]**reveses econômicos inestimáveis. Conjecturava-se que os bancos, coitados, sofreriam perdas medonhas – pela **[06]**primeira vez! Parecia até sabotagem arquitetada por astutos *hackers* para

promover, se não a redistribuição de [07]renda, alguma perda econômica, que fosse, para os aquinhoados pelo destino (e pela herança). Programadores [08]acorreram de todos os lados, esbaforidos, para evitar o pior. E o pior não veio. Não veio?

[09]Por outro lado, há muitos anos, contingentes expressivos de seres humanos vinham acalentando a perspectiva de [10]que os avanços tecnológicos nos levariam a trabalhar menos: as máquinas nos serviriam, enquanto poderíamos [11]despender o tempo extra resultante dessa servidão a nosso bel-prazer, para o lazer, em idílico "dolce far niente". O [12]melhor da festa viria. Veio?

[13]É fácil perceber que, em termos de previsões, nossos futurólogos da tecnologia são um fiasco. Nem *bug*, nem [14]"dolce far niente". O que veio – e parece que para ficar... −é uma espécie de "big bug", ou, na língua de Machado de [15]Assis, o grande caos.

[16]As novas tecnologias estão fazendo muitos de nós trabalharmos sem parar. Se as férias já eram poucas, [17]muitas vezes resumidas a parcos dias nas festas de final de ano, agora, ainda por cima (por baixo, por trás e pelo [18]lado), são contaminadas pelo vírus da conectividade permanente: celular, *iPhone*, computador portátil, enfim, o [19]escambau, que fica ligado, piscando, vibrando, zunindo, para acabar com nosso sossego. Adeus, fim-de-semana, [20]oh! saudosas noites de luar! (ou de céu cinzento, que fossem).

[21]O que dizer, então, do famigerado e-mail? "Uma maravilha! Agiliza tudo! Facilita a comunicação entre as [22]pessoas", dirão os incautos. Ora, além de não ter diminuído a jornada de trabalho, a tecnologia, por via do *e-mail* − [23]para ficar apenas no nosso exemplo −, está fazendo com que trabalhemos mais horas. Muito mais!

[24]Se alguém nos envia uma mensagem, antes de tudo, é preciso lê-la.

[25]Muitas vezes, respondê-la. Fique-se um dia sem consultar a caixa de mensagens, e elas irão se acumulando [26]como coelhos cibernéticos, com suas respostas, cópias e encaminhamentos para terceiros.

[27]E as tão sonhadas horas extras para o lazer viram pó, ou melhor, viram *bits*, pois as ocuparemos, até o fim dos [28]tempos, somadas a outras horas extras de mais trabalho, para responder os queridos *e-mails*, copiá-los e encaminhá–[29]los. E, depois de tudo, talvez ainda sobre um tempinho para deletá-los ou deles fazermos "backup".

[30]E, se não sobrar, estaremos, como dizer... bem arranjados, porque, ou nosso computador dará uma pane [31]qualquer por excesso de informação acumulada, ou então, para evitar o "big bug" pessoal, teremos, fatalmente, de [32]limpar as caixas de mensagens, de entrada e de saída, as lixeiras, a parafernália toda.

[33]Já sei: já é possível deixar os *e-mails* em *sites* hospedeiros, com segurança e praticidade. Vai confiar...

[34]Com tudo isso, o tempo tem se tornado um dos bens mais escassos de nossa era. Em outras palavras: já se [35]foi o tempo em que se tinha tempo para discutir o tempo, digo, se dia de sol ou de chuva. Agora, basta um *click* de [36]nada, a qualquer hora e em qualquer lugar, e todas as informações estarão disponíveis instantaneamente. O prazer [37]da conversa e o esforço prazeroso da busca pela informação? Baubau.

[38]Já não bastasse o trânsito, que cresce maligno, invadindo as ruas e todas as conversas (falta de assunto, [39]viu?!), surrupiando o nosso precioso tempo, agora estamos escravizados pela tirania do *e-mail*. De repente, todo [40]mundo acorda de uma longa letargia para olhar o caos urbano, a imobilidade instalada. E alguém ainda comemora a [41]possibilidade de não perder tempo no engarrafamento, porque existe celular com *e-mail*. Que maravilha...

[42]Onde é que nós vamos parar? Difícil dizer. O fato é que já estamos parando... De minha parte, alheio ao [43]famigerado *boom* da indústria automobilística, tenho andado cada vez mais a pé. E tenho andado também com uma [44]saudade danada de minha maquininha de escrever, de seu suave tec-tec-tec... tec-tec-tec... Agora, para completar, [45]vou pegar um punhado de papel vegetal pautado, para escrever, de próprio punho, longas cartas aos amigos, tudo [46]com muito vagar, apoderando-me do tempo e de mim mesmo... Adeus, pressa. "Bye, bug"!

Cássio Schubsky. *Folha de S. Paulo*, 22 de maio de 2008.

Marque a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque se refere ao momento da enunciação.

a) "Se as férias já eram poucas, muitas vezes resumidas a parcos dias nas festas de final de ano, **agora**, ainda por cima (por baixo, por trás e pelo lado), são contaminadas pelo vírus da conectividade [...]." (ref. 15)
b) "**Agora**, para completar, vou pegar um punhado de papel vegetal pautado, para escrever, de próprio punho, longas cartas aos amigos, [...]." (ref. 40-45)
c) "**Agora**, basta um *click* de nada, a qualquer hora e em qualquer lugar, e todas as informações estarão disponíveis instantaneamente." (ref. 35-36)
d) "Já não bastasse o trânsito, que cresce maligno, invadindo as ruas e todas as conversas (falta de assunto, viu?!), surrupiando o nosso precioso tempo, **agora** estamos escravizados pela tirania do *e-mail*." (ref. 35)

Questão 26 - (ITA SP/2008)

[1]Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

[5]E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se [10]movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências [15]imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre [20]o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que [25]seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará [30]ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto [35]do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia [40]para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: [45]treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores [50]das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcaria o time. O médico da equipe, depois de atender o [55]jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo!Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

Qual dos advérbios terminados em **–mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (linha 28).
b) abertamente (linha 38).
c) independentemente (linhas 45 e 46).
d) psicologicamente (linhas 50 e 51).
e) imediatamente (linha 56).

Questão 27 - (ITA SP/2008)

A frase abaixo foi dita por uma atriz como um lamento à insistência dos jornalistas em vasculharem sua vida pessoal:
É muito triste você não poder sair para jantar com um amigo sem ser perseguida por ninguém.

Da forma como a frase foi registrada, o sentido produzido é o contrário ao supostamente pretendido pela atriz. Assinale a opção em que há a identificação do(s) elemento(s) que causa(m) tal mal-entendido.

a) adjetivo (triste)
b) preposições (para; com; por)
c) advérbio de intensidade (muito)
d) locuções verbais (poder sair; ser perseguida)
e) negação (não; sem; ninguém)

Questão 28 - (UDESC SC/2008)

Texto 1

Até 2009 deve entrar em vigor o acordo ortográfico cujo objetivo é unificar a escrita do português nos países que o adotam como sua língua oficial.
Observe posições a respeito disso, publicadas em Veja, de 12 set. 2007.

1. "Encaro com grande ceticismo esse acordo ortográfico. É uma reforma tímida, que não traz grandes inovações. Mas não gostei. Queria que meus tremas ficassem onde estão. Os escritores mais velhos e mais preguiçosos têm de confiar no pessoal da editoração para fazer as mudanças necessárias no texto." (João Ubaldo Ribeiro, p. 93)
2. "A unificação já devia ter ocorrido antes. É uma medida civilizada. A diferença na escrita dos países que falam português atrapalha o intercâmbio econômico e editorial. Como toda reforma, essa proposta tem suas falhas. Mas acho ótimo, por exemplo, o fim do trema. Sou a favor de tudo que vai no sentido da simplificação." (Lya Luft, p. 96)
3. "As diferenças culturais não se resolvem assim apenas com um golpe de pena. [...] a grafia cheia de letras mudas **–** tecto, facto, acto **–** não impediu o português José Saramago de ser best-seller no Brasil. Como a natureza, a arte e a inteligência sempre encontram uma maneira de se manifestar. Com a ajuda de uma norma culta e amplamente aceita, esse trabalho fica mais fácil." (Veja, p. 96)

Assinale a alternativa incorreta, em relação aos três itens.

a) Em "Encaro com grande ceticismo esse acordo ortográfico." (1) a palavra sublinhada significa descrença.
b) Em "As diferenças culturais não se resolvem assim apenas com um golpe de pena." (3) a expressão sublinhada pode equivaler a impensadamente.
c) As conjunções coordenadas adversativas implicam idéia de oposição.
Considerando-se a oração (ou orações) antecedente(s), essa oposição não ocorre em "Mas não gostei." (1), porém ocorre em "Mas acho ótimo" (2).
d) Em "para fazer as mudanças necessárias no texto" (1) há idéia de finalidade.
e) Em "maneira de se manifestar" (3) poderia ocorrer ênclise em relação à forma verbal no infinitivo: "de manifestar-se".

Questão 29 - (UEM PR/2008)

Texto 1

Impostura verde

Marcelo Leite

Hoje em dia ninguém mais cita o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) em jornal – a não ser, talvez, para criticá-lo. Mesmo quem o conhece mal, porém, não deixará de reconhecer como é **5**certeira sua caracterização do marketing como "a raça impudente de nossos senhores". Em especial se topar com um anúncio da nova coleção de roupas Diesel.

Pessoas sensatas, em tempos normais, **10**pensariam duas vezes antes de adquirir confecções de uma empresa que publica no Brasil anúncios inteiramente em inglês. Só que nosso tempo há muito deixou de ser normal e o Brasil, todos sabem, nunca foi sério.

15Precisava carimbar a campanha com um "Global Warming Ready", porém? Para quem não sabe, a frase quer dizer "pronto(a) para o aquecimento global". Noutro lugar, anuncia-se que são roupas para permanecer "cool" (bacana, ou **20**literalmente, fresco) enquanto o mundo se aquece.

As imagens utilizadas são ainda mais loquazes. Numa delas, um rapaz de camisa aberta lambuza com filtro solar a garota em vias de trepar num coqueiro. Seria só ração cotidiana de **25**nonsense da publicidade de moda, não fosse pelo carimbo mencionado e por mostrar no fundo, à esquerda, o mar batendo no topo do que parece ser o monte Rushmore, nos EUA.

A face esculpida em pedra, com água pelo **30**nariz, talvez seja a de Abraham Lincoln. Não aparecem na imagem as outras três do famoso monumento em Dakota do Sul: George Washington, Thomas Jefferson e Theodore Roosevelt. O quarteto de presidentes só se mostra **35**por inteiro noutro quadro, em que um modelo sarado lê um livro com geleiras na capa, deitado na areia da mesma praia.

A mesma alusão à elevação do nível dos mares como resultado do aquecimento global surge [40]num plágio deslavado do filme "O Dia Depois de Amanhã". Em tela, arranha-céus de Nova York (Chicago?) com água na cintura.

Nesse álbum disparatado ainda há espaço para araras no lugar dos pombos da praça São [45]Marcos em Veneza, vegetação equatorial ao lado da torre Eiffel e gente de biquíni ao lado de pingüins. Na Antártida, supõe-se.

A publicidade não tem nem precisa ter compromisso com a realidade, sequer com a [50]verossimilhança. Seu liquidificador de signos já nasceu pós-moderno. O que salta aos olhos são os sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência.

O aquecimento global virou moda, modismo. [55]Já houve até evento fashion "carbon-neutral", em que hedonistas compungidos voluntariam uns caraminguás para plantar árvores, não se sabe nem se quer saber onde. Peles de animais, contudo, voltaram a ser chiques. O mundinho é verde, ma [60]non troppo. Ao final, todos montam em seus jipões 4x4 movidos a (muito) diesel e rodam superiores sobre o asfalto esburacado das metrópoles brasileiras. Os mais radicais se filiam a alguma ONG − com nome em inglês, claro.

[65]Dá vontade de incorporar um "nerd" rápido. Lembrar que Dakota do Sul fica no meio dos Estados Unidos, onde o mar nunca vai chegar (não na escala de tempo que interessa à espécie humana). O monte Rushmore, aliás, está 1.745 [70]metros acima do nível do mar, que deve subir só meio metro nos próximos cem anos, segundo a última previsão do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática).

Quem é que quer saber de informação, no [75]entanto? O negócio agora é ser "ambiental". Qualquer dia desses nasce a grife Biodiesel. Lula vai a-do-rar.

Folha de S. Paulo, 18 de março de 2007. Folha Mais, p. 9.

impudente: que ou o que não tem pudor.
loquaz: que fala muito, falador.
nonsense: absurdo, disparate.
ma non troppo: mas nem tanto.
frívolo: superficial, inútil.
nerd: pessoa desinteressante, fora de moda; pessoa extremamente interessada em computador; pessoa com inteligência acima da média.
hedonista: pessoa dedicada ao prazer dos sentidos.
compungido: arrependido, aflito moralmente.

Texto 2

Geração fashion

Paul Vallely, do "The Independent"

Hoje, combater a indústria de peles não quer dizer lutar contra a velha guarda de ricos, conservadores, enrugados e ignorantes usuários de casacos longos de vison. Significa combater uma [5]geração jovem que é fashion, colorida e bem informada. Uma criadora de modas como Katie Grand, editora da revista de moda "Pop", usa seu novo casaco de vison para ir ao trabalho sem sentir vergonha. Grand, cujo pai é cientista, explica: [10]"Desde criança acostumei-me à idéia de que ele [o pai] faz experiências com animais. Isso nunca me incomodou".

A compradora típica de uma roupa de pele é uma mulher de 30 e poucos anos, de renda média, [15]que compra protetores de ouvido de pele de coelho da Chanel ou um casaco da Zara com gola de pele de coiote por menos de US$150. E, em lugar de estar desafiando o velho establishment, ela demonstra que não dá a mínima para o novo [20]establishment marcado pela correção política liberal, verde e de esquerda. Peso na consciência por estar usando pele é algo tão fora de moda quanto xales de pashmina (pêlos de cabras do Tibete). O único consolo que resta ao lobby dos [25]"antipeles" é a esperança de que, já que a moda é por definição volátil e mutante, não demore muito para as roupas de pele serem mais uma vez vistas como inaceitáveis.

Texto adaptado de
<http://www.herbario.com.br/atual04/2411guerrapelles.htm>.
Acesso em 11/09/2007.

establishment: ordem ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade ou um Estado.

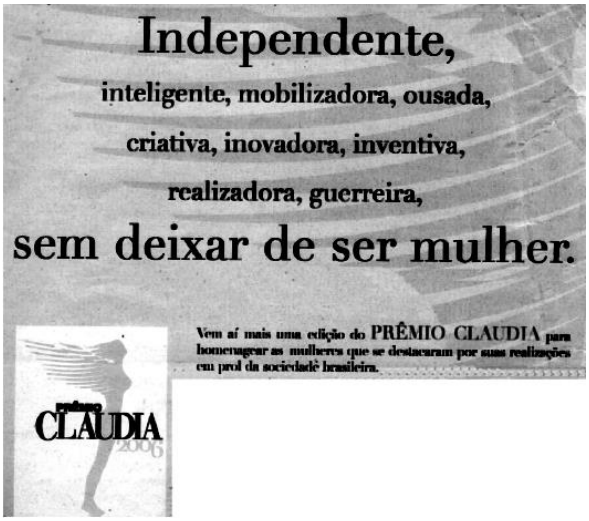
Assinale a alternativa em que o adjetivo em negrito funciona como advérbio.
a) "Dá vontade de incorporar um 'nerd' **rápido**." (texto 1, linha 65)
b) "...a moda é por definição **volátil**..." (texto 2, linhas 25-26)
c) "...deixou de ser **normal**..." (texto 1, linha 13)

d) “As imagens utilizadas são ainda mais **loquazes**.” (texto 1, linhas 21-22)
e) “...geração jovem que é fashion, colorida e bem **informada**.” (texto 2, linhas 5-6)

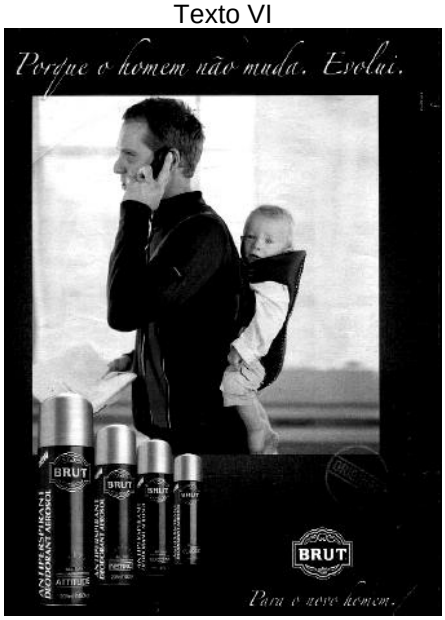
Questão 30 - (UFJF MG/2007)

Observe, com atenção, as duas propagandas abaixo (Texto V e Texto VI), publicadas, respectivamente, na Revista Cláudia, nº 8, de agosto de 2006, p. 22, e na Revista VEJA, em sua edição de 2 de agosto de 2006, p. 67.

Texto V



Texto VI



Agora, responda.

a) As duas propagandas focalizam algumas mudanças na concepção tradicional dos gêneros feminino e masculino. Apresente, de maneira sucinta, as modificações propostas nos textos. Justifique sua resposta, utilizando elementos gráfico-visuais, conceituais e lingüísticos presentes nas propagandas.
Texto V:
Modificação proposta:
Justificativa
Texto VI:
Modificação proposta:
Justificativa

b) Leia, novamente:
“Vem aí mais uma edição do PRÊMIO CLÁUDIA (...)” (Texto V)
O elemento destacado no trecho acima (aí) normalmente faz referência a lugar, como se pode observar no seguinte exemplo: “Como estão as coisas aí?”; “Você viu o meu livro por aí?”.

Responda, considerando a leitura da propaganda da revista.
b.1) Qual é o significado do termo aí no trecho destacado acima (Texto V)?
b.2) Reescreva o trecho destacado, substituindo o termo aí por outro que expresse, claramente, o significado intencionado.

GABARITO:
1) **Gab**: E
2) **Gab**: C
3) **Gab**: A
4) **Gab**: A
5) **Gab**: D
6) **Gab**: C
7) **Gab**: E
8) **Gab**: C
9) **Gab**: A
10) **Gab**: E
11) **Gab**: C
12) **Gab**: A
13) **Gab**:
    a) [O fogo] Cria calor, afasta os bichos, protege o sono e as mochilas de mantimento. Carne-de-sol, rapadura, farinha. Deito-me na rede, abraçado ao rifle, as alpercatas nos pés, as cartucheiras em torno do peito, o facão preso ao cinturão. E, mais uma vez pensando no serviço, digo muito baixo para mim mesmo que mãe espere o resultado. / para mãe esperar o resultado.
    b) Podem flexionar o substantivo "carne-de-sol" (carnes-de-sol) e o pronome "mesmo" (mesmos, mesma, mesmas). "Muito" e "baixo" são advérbios, portanto, invariáveis.
14) **Gab**: A
15) **Gab**: E
16) **Gab**: B
17) **Gab**: A
18) **Gab**: B
19) **Gab**: E
20) **Gab**:
    a) palavra *mal* na primeira frase é advérbio e na segunda, substantivo.
    b) A palavra *só* equivale a sozinho e é um adjetivo. Na segunda frase é advérbio.
21) **Gab**: D
22) **Gab**: D
23) **Gab**: B
24) **Gab**:
    a) A pergunta modulada pelo advérbio *porventura* é claramente retórica, ou seja, é uma afirmação sob a forma de pergunta, pois nela o autor sugere ter sido o próprio pai o "culpado" de seu "gosto pela arte", um gosto que então o levaria a contrariar determinações paternas.
    b) As formas *cousa* e *vossemecê,* hoje desusadas no Brasil, atestam a evolução da língua. As formas hoje correntes dessas palavras são *coisa* e *você.* (O mesmo não seria verdade para Portugal, onde também a língua evoluiu, evidentemente, no último século e meio, e onde também as referidas palavras se transformaram, mas onde ainda são cor rentes, em certos dialetos, as duas formas mais antigas.)
25) **Gab**: B
26) **Gab**: C
27) **Gab**: E
28) **Gab**: B
29) **Gab**: A
30) **Gab**:
    a) Gabarito correspondente à leitura do texto V-
    O candidato deve apontar para a modificação operada, no texto da propaganda, na concepção tradicional do feminino, atento a noção de gênero, uniforme indicação do enunciado. Além disso deverá apontar as pistas textuais que sustentam essa sua leitura .Para obter a pontuação máxima nesse item, exigiu-se do aluno uma escrita clara, coerente e formalmente adequada.
    Exemplo:
    MP: A propaganda descreve a mulher a partir de características que há tempos atrás não diziam respeito ao universo feminino, como, por exemplo, a qualificação de guerreira.
    J: A propaganda exibe a imagem de uma mulher com asa, livre, independente, além de enumerar adjetivos tradicionalmente atribuídos aos homens.
    Em seguida, apresentamos outros padrões de respostas mais recorrentes, com sua respectiva pontuação:
    O candidato identifica a modificação proposta pela propaganda de forma bastante adequada, mas não aponta as pistas que a justificassem, ou seja, atende parcialmente ao que foi solicitado.
    O candidato parafraseia devidamente o texto da propaganda, sinalizando modificações na concepção do feminino, mas não explicita essas modificações.

O candidato limita-se a parafrasear o que esta em negrito no texto (independente, sem deixar de ser mulher''),sem considerar as outras pistas textuais.
O candidato comete erros de leitura ou mesmo interpreta erroneamente o enunciado.
Exemplos: proposta de modificação do conteúdo do texto da propaganda; afirmação do que o objetivo da mesma seria "acabar com o preconceito contra a mulher".
Gabarito correspondente a leitura do texto VI
O candidato deve apontar para a modificação operada, na concepção tradicional do masculino, atento à noção de gênero, conforme indicação do enunciado. Além disso, deverá apontar as pistas textuais que sustentam essa sua leitura .Para obter a pontuação máxima nesse item, exigiu-se, ainda, uma escrita clara, coerente e formalmente adequada.
Apresentamos abaixo um exemplo do que seria uma resposta completa.
Exemplo:
MP: O homem moderno, identificado tradicionalmente com a figura do provedor, passa assumir funções normalmente atribuídas às mulheres, como a de cuidar dos filhos.
J: A propaganda exibe a imagem de um homem que, ao mesmo tempo que fala ao celular, o que sugere que ele esta trabalhando, cuida do filho, transformação que e considerada uma evolução do homem.
Em seguida, apresentamos outros padrões de respostas mais recorrentes, com sua respectiva pontuação:
O candidato identifica a modificação proposta pela propaganda de forma bastante adequada, mas não aponta as pistas que a justificassem, ou seja, atende parcialmente ao que foi solicitado.
O candidato parafraseia devidamente o texto da propaganda, sinalizando modificações na concepção do masculino, mas não explicita essas modificações.
O candidato limita-se a descrever a imagem da propaganda sinalizando, e não explicitando, uma transformação operada no homem.
O candidato comete erros de leitura ou mesmo interpreta erroneamente o enunciado.
Exemplos: proposta de modificação do conteúdo do texto da propaganda; afirmação de que "o homem só se preocupa com a vaidade".

b) Segunda parte: o candidato devera fazer a distinção entre o "aí" de tempo o de espaço.Enumeramos abaixo os padrões recorrentes de respostas e sua respectiva pontuação:

b1. O candidato devera perceber e explicitar a noção de tempo ou tempo próximo.
b1. O candidato deixa implícita a noção de tempo através de paráfrases verbais.Exemplos: "está próximo de acontecer", "vai se realizar", "está para chegar" etc.
b1. O candidato aponta o "aí" como indicador de espaço físico.
b2. O candidato deverá substituir o "aí" por advérbio de mesmo valor.Os mais encontrados foram: logo, em pouco tempo, em futuro próximo, em breve.
b2. O candidato não substitui somente o "aí", conforme proposta do enunciado, mas opera modificações em toda a estrutura da frase.
b2. Substituição por palavra ou expressão de outro valor que não o de tempo.